

**CENTRO UNIVERSITÁRIO DOUTOR LEÃO SAMPAIO**  
**CURSO DE BACHARELADO EM PSICOLOGIA**

**MARIA DO SOCORRO DA SILVA**

**NASCER DO MUNDO E NASCER NO MUNDO:** as dimensões do sofrimento  
psíquico de ser “transexual”.

**JUAZEIRO DO NORTE – CE**

**2018**

**MARIA DO SOCORRO DA SILVA**

**NASCER DO MUNDO E NASCER NO MUNDO:** as dimensões do sofrimento psíquico de ser “transexual”.

Trabalho de Conclusão de Curso na modalidade *Artigo Científico*, apresentado à Coordenação do Curso de Graduação em Psicologia, do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, em cumprimento às exigências para obtenção do grau de bacharelado em Psicologia.

**Orientador:** Prof. Dr. Marcus Cezar de Borba Belmino

**JUAZEIRO DO NORTE – CE**

**2018**

# **NASCER DO MUNDO E NASCER NO MUNDO: as dimensões do sofrimento psíquico de ser “transexual”.**

Maria do Socorro da Silva<sup>1</sup>  
Marcus Cezar Belmiro<sup>2</sup>

## **RESUMO**

É visto que a transexualidade é algo que está cada vez mais presente e vem ganhando visibilidade no âmbito social, todavia, é um processo que causa sofrimento nos sujeitos e merece uma atenção especial, desta forma esta pesquisa vem através de um estudo de caso fazer uma análise da experiência transexual. Frente a isso, esta pesquisa tem como objetivo, buscar a compreensão acerca do sofrimento que estar em torno da experiência transexual. Esse estudo é de natureza qualitativa não experimental, utilizando-se do método fenomenológico para análise dos resultados. Assim, foi realizada uma entrevista simiestructural com um transexual homem, onde a pergunta que alavancou as demais informações foi: “qual a experiência de ser trans?”, a fim de compreender como é para esse sujeito vivenciar e experienciar a transexualidade, dentro do viés do estereotipo masculino e feminino. Através de uma compreensão teórica e da fala do entrevistado, percebe-se que a experiência transexual causa sofrimentos, principalmente na relação com outro, mas não viver essa experiência do reconhecimento identitário, provoca um sofrimento maior.

**Palavras-chave:** Transexualidade. Experiência. Sofrimento. Ajustamento identitário.

## **ABSTRACT**

It is seen that transsexuality is something that is increasingly present and has gained visibility in the social sphere, however, it is a process that causes suffering in the subjects and deserves special attention, in this way this research comes through a case study to make a analysis of the transsexual experience. Faced with this, this research aims to seek the trustworthy understanding of suffering that is around the transsexual experience. This study is of non-experimental qualitative nature, using the phenomenological method to analyze the results. Thus, a simystructural interview was conducted with a transsexual man, where the question that led to the other information was: "What is the experience of being trans?" In order to understand how it is for this subject to experience and experience transsexuality within the bias male and female stereotypes. Through a theoretical understanding and the interviewee's speech, it is perceived that the transsexual experience causes rather sufferings, especially in relation to another, but not to live this experience of the identity recognition, causes greater suffering.

**Keywords:** Transsexuality. Experience. Suffering. Identity adjustment.

## **1 INTRODUÇÃO**

A transexualidade é um fenômeno vivenciado pelos sujeitos desde uma época rudimentar, e falar desta forma de coloca-se no mundo, é remeter-se a uma estrutura que está fora do padrão que é imposto como “normal”. Assim, mesmo fora do “padrão” que é imposto pela sociedade, é algo que estar presente e pode causar sofrimento no sujeito. Distanciando-se

---

<sup>1</sup> Discente do Curso de Graduação em Psicologia da UNILEÃO. E-mail: naysil2015@gmail.com

<sup>2</sup> Docente do Curso de Graduação em Psicologia da UNILEÃO. E-mail: marcuscezar@leaosampaio.edu.br

da forma corpórea biológica, o sujeito transexual está imerso a uma sociedade que resiste a pluralidade dos corpos e fixa um padrão heteronormativo.

Antes de dar início ao objetivo principal desta pesquisa, faz-se necessário compreender os conceitos de gênero, sexualidade e transexualidade. Diante disso, Jesus (2012) salienta que o gênero vai para além do sexo, é como a pessoa enxerga e se expressa socialmente, o que não depende dos órgãos genitais, essa identificação pode ou não corresponder ao seu sexo biológico, gênero é uma construção social, cultural e histórica, é a forma como o indivíduo se identifica e como ele é identificado. Já a sexualidade por sua vez, se refere à atração, afeto e desejo por pessoas do mesmo sexo ou sexo oposto, ou até mesmo de ambos os sexos.

Neste diapasão, Bento (2012) sugere uma definição para os transexuais como uma experiência identitária, onde o sujeito se conflita com o gênero e as normas impostas nele, a necessidade de conceituar e classificar os transexuais emerge do que é definido como ser masculino e feminino, trazendo-o de forma naturalizada, o que leva a classificar como anormal o que está fora desse padrão.

O então artigo se deu por processo metodológico de quatro etapas; onde foi realizada a coleta de dados através de uma entrevista semiestruturada, propondo uma abertura bem ampla de fala não diretiva. Juntamente com as descrições dos dados obtidos, foi transcrito todo o processo de fala, e mediante análise fenomenológica, discriminando todas as unidades de significados, e ao identificar essas unidades de sentido foi realizada uma síntese de todos os sentidos e significados, buscando uma compreensão fidedigna e empática da experiência do sujeito *transexual*.

Diante disso, essa pesquisa busca compreender as representações do estereótipo gênero masculino e feminino na experiência transexual. Dessa forma, esse estudo possui como principal objetivo, compreender as dimensões do sofrimento psíquico da pessoa transexual, e como objetivos secundários, analisar um estudo de caso através do método fenomenológico, a fim de conhecer as formas de sofrimento que envolve desde a revelação a vivência da pessoa "*transexual*"; como também ampliar o conhecimento sobre as demandas da *disforia de gênero* e suas possíveis interpretações.

O interesse no tema surgiu após ouvir o relato e sofrimento de uma pessoa que não conseguia assumir sua identidade, o que despertou interesse em buscar mais conhecimento e entender a experiência de ser um sujeito transexual.

Com isso, essa discussão se justifica pelo desejo da pesquisadora em se aprofundar em tal temática, visando mais desenvolvimento de seus conhecimentos nessa área e sua relação

com a psicologia. Assim como também a vontade de levar para a sociedade a discussão acerca do sofrimento intrapessoal enfrentado pelos transexuais, tentando esclarecer cada vez mais os desafios vividos por esses em todas as instâncias de suas vidas. O estudo apresenta maior visibilidade ao tema, de modo que irá somar com pesquisas existentes na academia, gerando novas discussões sobre o sofrimento vivenciado pela pessoa transexual.

O resultado desse trabalho manifesta-se como uma nova oportunidade da sociedade refletir para ajudar as pessoas transexuais a tornarem toda a sua realidade menos dolorosa, onde essas possam se sentir apoiadas na comunidade em que vivem.

## **2 CONCEITUANDO GÊNERO E SEXUALIDADE**

Para discutir tal problemática, se faz necessária uma compreensão acerca do conceito de gênero e sexualidade, uma vez que esses estão interligados e raramente podem ser compreendidos de forma separada, tendo em vista que o conceito de um, para melhor ser entendido “necessita” do outro, sendo que o gênero e a sexualidade dependem da forma como o sujeito usa seu corpo e se coloca no mundo.

Para Jesus (2012), o gênero diz respeito à identificação do sujeito enquanto homem ou mulher. A sexualidade por sua vez é a atração afetivo-sexual por alguém de um determinado gênero. Desse modo, um não depende do outro, não existe sexualidade em função do gênero, sendo que nem toda mulher ou homem é heterossexual.

Segundo Dias (2015), gênero se refere à forma como o corpo é usado, assim, ele é produto e processo de sua representação. No livro intitulado “O Segundo Sexo” de Simone de Beauvoir (1980, p. 09) é prescindível notar-se uma frase que desvinca a discussão sobre a transexualidade, quando a filósofa trás a seguinte afirmação; “Ninguém nasce mulher, torna-se mulher”, diante desta visão, é possível compreender o gênero e a sexualidade como um fator que vai além de uma definição única e universal. Ou seja, não se pode definir a forma que a fêmea ou masculina humana esta destinada pelo biológico, psíquico ou econômico no meio social, o corpo embrionário não seria definido para o papel que o sujeito se implica na sociedade, mas sim o conjunto de cultura que o mesmo está inserido. Assim, gênero não é a descrição do corpo, mas sim aquilo que faz efetivamente esse corpo existir. (FERRARI e CAPELI, 2014)

Scott (1995) complementa salientando que, o gênero é uma identidade subjetiva, um elemento constitutivo de relações sociais, é a forma de significar as relações de poder. Desse modo, é a construção do poder de si mesmo.

Desse modo, Butler (2014) ressalta que gênero exclui o fator biológico, ou seja, não se considera a natureza física do sujeito para lhe considerar enquanto mulher ou homem, o que é levando em conta é a sua natureza de identidade psicológica, a qual ele acredita pertencer. Por isso, falar sobre gênero é algo problematizador e instigante. Dessa forma, o gênero é visto como uma construção e não um resultado do biológico.

Em razão disso, para Louro (2007), a sexualidade, bem como o gênero, envolve aspectos históricos e culturais, a qual traz uma cara de instabilidade, multiplicidade e provisoriedade. A mesma se refere a desejos/atração, ou seja, uma junção anatômica, fisiológica e psicológica. Viver a sexualidade não é um problema do sujeito, mas sim um problema social e cultural. É preciso refletir acerca das possibilidades e impossibilidades que são colocadas a respeito da sexualidade, de modo a pensar sobre as “normas” que regulam os indivíduos de diferentes gêneros.

Falar de identificação de gênero se remete a diversas abordagens sobre o assunto, uma compreensão subjetiva deste sujeito, até uma compreensão biológica do mesmo. No que se refere ao último, à ciência biológica vem destacar que o determinante para o sexo é o tamanho das células reprodutivas e os órgãos genitais: espermatozoide e pênis, macho; óvulos e vagina, feminina. Logo, essa nuance não determina o seu comportamento, o que define isto são as vivências culturais, as quais mudam de acordo com ambiente cultural que se vive, a partir disto, pode-se perceber o masculino e o feminino (GOMES, 2012).

Segundo Jesus (2012), o ser humano em sua particularidade possui diversas formas de vivenciar sua identidade, para ele “a identidade de gênero não esgota a subjetividade de uma pessoa, nem sua subjetividade se restringe ao fato de ser trans.” (JESUS, 2012, p. 18).

Silva et al (2017) corroboram ressaltando que, os sujeitos que não conseguem se identificar com o gênero atribuído por seu órgão de nascimento são considerados transexuais, com isso, o motivo da não identificação leva o mesmo à busca por representações que manifestem traços do gênero oposto, como um meio de “ajustar” seu corpo à sua identidade.

O gênero é a construção social na qual são atribuídas series de formas de identificação, para serem reconhecidos como homens e mulheres em razão do sexo biológico. Salih (2015, p. 67) ressalta que para Butler, todo gênero não é natural, a partir dessa definição ela tenta salientar e desfazer a ideia que existe uma conexão entre sexo e gênero, trazendo a ideia de que não necessariamente o indivíduo sendo ser biologicamente fêmea ou macho, trará traços femininos ou masculinos.

Butler (2015) ressalta que:

A identidade de gênero é uma sequência de atos (uma ideia que assenta em teoria existencialista), mas também argumenta que não existe um ator (um *performer*) preexistente que pratica esses atos que não existe nenhum fazedor por trás do feito. Isso não significa que não há sujeito, mas que o sujeito não está exatamente onde esperaríamos encontrá-lo. Isso é, “atrás” ou “antes” do seu feito (BUTLER, 2015, p. s/n).

Assim de acordo com Butler (2015), a sexualidade é como se vê o indivíduo, como ele está diante da sociedade, como ela se apresenta, de forma que não irá reconhecê-lo por suas características. Butler (2014) afirma que o gênero não deve ser meramente concebido como a inscrição cultural de significado de sexo previamente dado, mostra ainda que, o gênero não é algo classificado com a natureza do indivíduo, que necessariamente tenha que nascer com ele, como um exemplo mais claro, a necessidade de saber se a criança tem um pênis ou uma vagina para ser considerada do gênero masculino ou feminino, e com isso ser forçada à ideia que terá que sentir atração apenas por gêneros opostos.

Para Butler (2014) o gênero é um processo que não tem origem nem fim, de modo que é algo que o sujeito “faz”, e não algo “que ele é”. A perspectiva mostra que o gênero é algo que se “escolhe” ser, não como se nasce, independente de ser tachado como homem ou mulher, feminino ou masculino, mostrando o entendimento que não necessariamente a pessoa nasce se identificando com seu gênero de origem, ou até mesmo sexo, seja ele definido como feminino ou masculino. Tornando de uma maneira mais compreensível, quando o indivíduo, se feminino, mas nasceu como masculino, ele pode escolher como quer se mostrar perante a sociedade, podendo se apresentar como ele pretende ser. Sendo isso uma opção social que será competido a ele e a mais ninguém.

Butler (2014, p. 128) declara ainda que o gênero é uma escolha, mostrando que “escolher um gênero significa interpretar a normas existentes de gênero, organizando-as de uma maneira nova”. Após essa perspectiva, a construção de gênero é feita com costumes pré-estabelecidos, desde o nascimento de forma cultural, mas só após anos de vida que começa a ter uma percepção do que é o masculino e feminino e sua identificação com tal gênero, não se tratando de algo genético ou anatômico, mas algo que surge da vontade do ser.

### **3 CONTEXTUALIZANDO E COMPREENDENDO A TRANSEXUALIDADE**

Gomes (2012) diz que, a transexualidade é aquilo considerado individualmente de cada sujeito, o indivíduo não consegue se caracterizar pelo gênero que lhe foi atribuído. Tal forma de se colocar no mundo causa grandes sofrimentos para este sujeito. Diante disto, é que se pode verificar esta nomenclatura no DSM-5, não como uma patologia, porém, como uma

situação que merece uma atenção específica que atravessa a nomenclatura “transtorno de identidade de gênero”, para “disforia de gênero”.

Diante de tantos conceitos, estudos filosóficos e científico ressaltam que a compreensão do sujeito trans vai além de definições e conceitos, parte do pressuposto da experiência. É partir desta perspectiva que Jesus (2012) vem elencar a coragem de ser quem si é, pois para ele um dos primeiro desafio de quem se identifica com a Transexualidade é reconhecer a si mesmo, e diante deste reconhecimento tomar decisões pessoais, considerando que irá se apresentar ao outro da forma que auto se conceitua. É um momento desafiador, porém, é necessário, o qual o sujeito necessita enfrentar para que possa ser quem se é por inteiro.

Quando se adentra em um assunto de tamanha delicadeza, é necessário que se compreenda o porquê de estudar e realizar pesquisa sobre ele, e é sobre esta vertente que se pode perceber a importância de conhecer o contexto histórico. Em 1910 o sexólogo Magnus Hirschfeld considerou o termo “transexualpsíquico” para se referir aos travestis fetichites, até então, não havia uma separação contextual de travesti, transexual e homossexual. O início da construção do dispositivo da transexualidade, surgiu a partir da publicação de alguns estudos que foram ganhando visibilidade a partir do surgimento de associações internacionais. (BENTO, 2006)

Ainda neste saber médico o endocrinologista Harry Benjamin volta-se para o termo utilizado inicialmente e aponta a cirurgia como o único tratamento terapêutico para o transexual, considerado pelos psicanalistas uma forma de mutilação do corpo, Money traz um estudo revolucionário da temática, sua tese referia-se a como o social mediante o científico interferia e assegurava as diferenças do sexo, para ele o psicosexual era uma continuação embrionária do sexo. Diante destes pressupostos de saberes na década de 60 é que se inicia uma compreensão prática com a criação dos Centros de Identidade de gênero nos Estados Unidos. Em 1969 a transexualidade passou a ser considerado como “disforia de gênero” nome dado por John Money no primeiro congresso de Harry Benjamim. (BENTO, 2006)

Diante deste acompanhamento histórico da transexualidade e como foi construído a partir de um viés patologizante, o conselho Regional de Psicologia de São Paulo no ano de 2011 apoia a campanha Internacional stop Trans Pathologization, que tem como objetivo a retirada da classe de transtorno do DSM-V e do CID 10, porém existia a preocupação em desobrigar os órgãos públicos a custear as cirurgias de modificação corporal. (BENTO, 2011). Vale ressaltar, também que, mais de 100 organizações e as redes internacionais como a África, Ásia, Europa, América do Norte e do Sul se empenharam na campanha pela retirada

da transexualidade do DSM e do CID. (BENTO e PELÚCIO, 2012). Diante deste cenário de luta, chega-se então a conquista de:

A quinta edição do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM) e a décima primeira edição da Classificação Internacional de Doenças (CID) não mais implicam a transexualidade como um transtorno de identidade de gênero. Entretanto o DSM-V mantém a “disforia de gênero”, que embora não seja tida como um transtorno mental está vinculado à angústia sofrida por uma pessoa que não se encontra identificada com o seu sexo anatômico de nascença. (CALVALCANTE ET AL, 2016.p 8).

Por conseguinte, Figueiredo (2006) aponta que a autoestima e a satisfação pessoal estão diretamente ligadas ao corporificar desta imagem, uma vez que essa satisfação é o ponto central das quais transgêneros e transexuais se referem no que diz respeito a suas práticas corporais, desse modo, percebe-se que dor e prazer se encontram em um mesmo campo.

#### 4 METODOLOGIA

O presente trabalho trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa não experimental, utilizando-se do método fenomenológico a partir de uma base empírica, para realiza-la, foram utilizadas pesquisas bibliográficas em livros, como também nas plataformas: Google Acadêmico, Scielo, PePsic e Periódicos, usando palavras-chave como: gênero, sexualidade, transgeneridade. Enquanto critério de exclusão e inclusão buscou-se trabalhos de origem brasileira que tivesse uma linguagem atraente e que se aproximasse do fenômeno em estudo.

Neste trabalho também foi realizado uma entrevista semiestruturada como instrumento para coleta de dados, a qual ocorreu com um *homem trans* residente na região do cariri, que está em processo de transição de gênero. Durante a mesma foi utilizado gravador de voz para registrar dados do entrevistado, em que esse foi informado com relação à utilização do gravador. O mesmo concedeu permissão para que seu relato fosse utilizado e analisado dentro do viés fenomenológico para fins de trabalho de conclusão de curso. O participante assinou um termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE) que expõe o propósito desta pesquisa e garante anonimato e ética das informações obtidas.

Tendo como viés a fenomenologia, Moreira (2004) acrescenta que se trata de um estudo do fenômeno, ou seja, a descrição da experiência, cujo propósito é descrever fenômenos particulares do sujeito, o que o torna um método filosófico. Enfatiza sua tarefa em investigar como algo é percebido, recordado, fantasiado, enfim, compreender como algo se

apresenta diante desta doação dos sentidos, pela significação do sujeito no que lhe é particular.

A entrevista se deu, por meio de uma pergunta disparadora; “Como é a experiência de ser *Trans*”? A partir desta, foi elencando-se os principais fatores, experiência e sentimentos da experiência *trans*.

Tendo em vista que o método fenomenológico constitui-se numa abordagem descritiva, ou seja, deixar o fenômeno falar por si (HOLANDA, 2006). O objetivo desta pesquisa é compreender como o sujeito *trans* se percebe na sua experiência enquanto sujeito que está em processo de transformação.

Posteriormente, depois de coletado os dados a partir da pergunta disparadora, foi feito a transcrição dos dados. Seguindo os quatro passos do método fenomenológico trazido por Moreira (2004), onde o primeiro passo consiste na leitura dos dados obtidos na entrevista, o que irá permitir um conhecimento geral das descrições do participante. No segundo passo, discriminará as “unidades de significados”, que é tentar compreender os vários sentidos expressos na fala do sujeito. Logo mais, a identificação das unidades de sentido, que irá revelar seus aspectos mais importantes. Por fim, uma síntese de todas as unidades de sentido, a fim de compreender toda a experiência daquele sujeito.

A pesquisa foi submetida à apreciação do Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário Doutor Leão Sampaio de acordo com a Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde, pelo qual o sujeito participante foi informado dos objetivos da pesquisa, dos benefícios e riscos de participar desta, do sigilo em relação a sua fala e o anonimato, além de ser informado que a qualquer momento poderia se retirar da pesquisa através do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

## **5 ANÁLISE E DISCUSSÕES**

Para iniciar a discursão do caso, é necessária uma compreensão do todo em que se configura esta análise, compreendendo-se então a seguinte percepção, trata-se de um homem *trans*, que melhor se especifica como transexual, por motivos éticos, este será chamado de J.P. Para tanto, é importante se saber que existe uma diferença entre transgênero e transexual. Lanz (2015) ressalta que a diferença entre transgênero e transexuais vai além do desejo de modificar o seu órgão genital, em que a transexual expressa um desejo bem maior em mudar por completo a sua imagem corporal, ele afirma ainda que todo transexual é transgênero, mas

nem todo transgênero é transexual. O que implica dizer que o caso a ser analisado configura sua identidade como transexual, onde no decorrer desta análise será melhor explorado.

Como forma de responder ao objetivo de estudo desta pesquisa, pretende-se analisar algumas categorias percebidas no discurso do entrevistado, tais como; **o processo de transformação**, que irá destacar através da fala do entrevistado, como se deu o processo de transformação e os sentimentos a cerca deste processo; **resistência e crise na relação identitária**, neste item será frisado quais pontos provocaram resistência e sentimentos como medo e insegurança; **relações sociais e familiares**, aqui se pretende trazer um dos pontos primordial da experiência trans, a relação com o outro e como isto interfere na relação de identidade do sujeito; **questionando a própria identidade**, sabe-se que todo este processo é composto por sentimentos de dúvidas e inseguranças, este item pretende trazer esses pontos através da fala do entrevistado; por fim, **reconhecimento e bem-estar provocado pelo ajustamento identitário**, um dos pontos que destaca esta pesquisa, é a relação que o processo de ajustamento identitário e sentimento de pertencimento provocam harmonia em relação a como esse sujeito se coloca no mundo.

## 5.1 PROCESSOS DE TRANSFORMAÇÃO

O que marca a transexualidade é o processo de transformar, mudar o que não estar ajustado naquele corpo, os transsexuais iniciam sua mudança nas características físicas, partindo do processo estético, que inicia por cabelo curto, no caso do trans masculino, adere roupas que lhe permita sentir-se pertencente a este gênero, indo mais além, inicia-se o processo de hormonização, e até mesmo pequenas cirurgias (SILVA et al, 2017).

Entre 2013 2014 eu já comecei a fazer tipo transformações como cabelo curto e vestuário mais masculino” (J.P, 2018) “Vou começar a minha terapia, minha harmonização lá para o começo do ano, e foi uma coisa tipo quando eu me identifiquei eu disse eu sou um homem trans! Eu me senti tão confortável que eu disse, eu preciso mudar meu nome amanhã! Eu preciso tomar minha dose de hormônio amanhã! Foi uma coisa que tipo quando eu me assumi, quando eu me identifiquei trans (J.P, 2018).

Vale salientar a necessidade de adequar o corpo a uma nova forma, que se inicia por se vestir e apresentar-se com um padrão social de gênero masculino, o que lhe garante ser reconhecido e identificado como homem, podendo ser percebido também na fala de J.P a ansiedade que gerou para se chegar a este objetivo, quando o mesmo demonstra pressa à realização imediata do processo de hormonização e também da mudança de nome.

## 5.2. RESISTÊNCIA E CRISE NA RELAÇÃO IDENTITÁRIA

Aqui se pretende elencar no discurso de J.P inicialmente a forma como ele tentava sabotar a si mesmo, no que tange a sua identidade, porém, tentando fazer uma correlação com o sofrimento que perpassa este enfrentamento.

Que eu não quero parar para pensar nisso, que era um bloqueio que eu tinha aí tipo e dizia eu não quero parar para pensar nisso, tô bem aqui! Dá para levar assim e vamos como tá dar pra ir, não estava tão bem só que tipo era coisa que dava para ir empurrando com a barriga, entendeu? (J.P, 2018)

Só que ao mesmo tempo não queria ter que passar por tudo isso, que eu sabia que ia ser um caminho bem difícil, então eu tentava o máximo adiar, o máximo evitar, tentando me conformar com o que eu estava vivendo. (J.P, 2018)

E que também é difícil por que querendo ou não é um caminho quase que sem volta, que eu, por exemplo, se eu me identificar hoje como trans, me apresentei para a sociedade como uma pessoa trans, iniciei Tratamento hormonal, mudei nome tudo isso e der repente do nada eu digo não sou mais trans, tudo bem! Mas tipo vai ter toda uma problemática maior. Aí tipo era uma coisa que eu via que ter uma certeza e como não permitia voltar à atrás era uma coisa que me deixava muito inseguro, entendeu? Será que realmente sou? Será que isso me vai fazer bem? (J.P, 2018)

É notório na fala do sujeito, um sofrimento relacionado ao fato de ter que colocar para si mesmo o que ele não se via, nem reconhecia no seu corpo de origem, porém, ficava bem mais fácil construir uma máscara em torno da sua subjetividade, ao ter que sair da sua zona de conforto e ser percebido como o “diferente”, que não condiz com os padrões culturais. Quando Silva et al ( 2017) coloca que mesmo diante das atitudes e padrões que são imposta diante do corpo, essas pessoas revelam desde a infância um desacordo com o seu corpo, por mais que se tente fugir desta realidade, a relação corpo e mente desse sujeito não conseguem se encontrar, gerando conflitos e uma busca incessante por aliviar sofrimento vivenciado.

Mas foi uma coisa que eu sempre me questioneei, entendeu? Tipo era como se eu nunca tivesse me identificado com gênero feminino, só que ao mesmo tempo era como se eu tivesse muitas coisas que ainda me prendesse, entendeu? Tipo eu parava para pensar, e muitas vezes eu não parava para pensar, porque eu buscava evitar o máximo possível eu tentava fugir de pensar. (J.P, 2018)

Quando cheguei ao ponto de que não aguentava mais. Eu já cheguei várias vezes a chorar, e eu sou muito difícil de chorar muito difícil e tipo eu cheguei a chorar porque tava me atormentando e eu precisava tipo me reconhecer eu precisava tomar uma decisão precisava realmente reconhecer aquilo que eu era, era como se eu tivesse, eu soubesse já quem eu era e eu não conseguisse me identificar por medo, então aquilo me atormentava (J.P, 2018).

Partindo de uma compreensão filosófica, Merleau-Ponty (2006) garante a oportunidade de se perceber a compreensão para essa experiência de ser no mundo, onde o corpo se torna um veículo fundamental para a construção do sujeito, pois pra ele, o corpo transforma as ideias em coisas, de modo que a relação de corpo não se reduz, nem mesmo para a sexualidade, mas, se torna peça fundamental do ser-no-mundo. O que é notório na fala de J.P quando o mesmo afirma o sofrimento em torno do desajuste do corpo com sua subjetividade, e dentro deste viés de resistência e crise indenitária, o que lhe restava era tentar ao máximo não encarar essa realidade. “Fugir por que é uma coisa que faz a gente sofrer, um dia o outro a gente vai sofrer, então é uma coisa que causa muito medo e é um bloqueio” (SIC).

### 5.3. RELAÇÕES SOCIAIS E FAMILIARES

Assim, compreender as demandas subjetivas e próprias dessa experiência trans, se faz necessário compreender a relação social e familiar, sendo este o ponto chave da questão, já que Diehl e Vieira (2013) confirmam em dizer que, a percepção e reação que o indivíduo tem de si mesmo, a forma como este se coloca no mundo, vai da percepção que tem do meio social, ou seja, a um desejo em ajustar o corpo à significação social que é dada a cada gênero. A necessidade de ser reconhecido pelo outro.

Sim, e tipo hoje o que ainda me chateia muito é de alguém chegar, “não eu lhe conheci por N.” que meu nome era N! “Eu lhe conheci por N, Então vai ser sempre N”! tipo já soa estranho para mim hoje, entendeu? Tipo faz 6 meses, tals... E tipo me dar muita raiva, entendeu? Eu já automaticamente já debato com a pessoa que “você vai ser sempre assim!” Eu digo sim! Mas não diz respeito a você, diz respeito a mim! Então é uma coisa que me dá raiva, me da raiva e só que tipo uma coisa que eu sei que ainda vai acontecer muito, entendeu? (J.P, 2018).

Quando tem alguém que não sabe ainda e me chama pelo nome antigo já é fácil pra mim, não é totalmente confortável, mas já é bem mais fácil eu chegar aqui não é J.P do que antes, entendeu? (J.P, 2018).

Como pode ser percebido na fala de J.P, o corpo estando ajustado ao gênero desejado se torna mais fácil defende-lo diante da sociedade, há uma necessidade que o outro o reconheça como pertencente ao gênero masculino, com todos os padrões impostos ao gênero masculino que estão sendo alcançados. O que antes era totalmente desagradável de defender quando seu corpo estava inadequado a sua identidade, quando o mesmo era conhecido pelo seu nome feminino, ao ter sua imagem modificada, torna-se mais fácil se colocar nesta figura

masculina, como ele bem traz, não é totalmente confortável porque tem a consciência que ainda há muito que enfrentar, porém, já é possível se colocar.

Diante do paradigma social é imposta uma homogeneização e um estigma gerado em torno do que é de desvantagens nas relações, repercutindo nas formas de vivenciar sua identidade, que é gerada através do ser diferente. Se colocar como uma pessoa trans, geram medos, inseguranças e até mesmo um instinto de defesa perante uma sociedade expressada pelo preconceito e algumas vezes pelo sentimento de ódio e repúdio, tal compreensão gera uma posição a partir do olhar e da percepção do outro. (SILVA et al, 2017).

Eu faço questão de que a sociedade me veja como um homem trans, porque tipo aquela questão de você precisar da visibilidade eu não quero me passar como uma pessoa Cis porque a sociedade precisa reconhecer sim que existissem pessoas trans (J.P, 2018).

O que pode ser percebido na fala J.P é um sentimento de adequação de sua forma de ser e que sociedade o reconheça como um homem trans, e assim seja aceito e respeitado com sua forma de ser no mundo, e não necessariamente reconhecido como uma pessoa Cis, onde ele ressalta a necessidade de que seja visto e aceito da forma que ele é, e se identifica.

#### 5.4 QUESTIONANDO A PRÓPRIA IDENTIDADE

Sublinha-se aqui, o surgimento de questionamentos sobre o seu corpo e sua identificação de gênero, compreendendo essa relação binária do corpo masculino e feminino, e que se vem à correlação de se deparar com inadequações identitária, onde perpassa por situações de olhar aquele corpo e não se perceber nele. J.P em seu discurso traz uma fala que permite pensar sobre esta relação de inadequação e a dificuldade de lidar com isso, criando muita das vezes fantasias simbólicas, perante aquele corpo.

Mas era algo que eu sempre imagine, eu sempre me imaginei, por exemplo, tipo; com barba, com o corpo masculino era como se eu idealizasse na minha cabeça que eu iria ter essas transformações só que eu não parava para pensar o que era a coisa em si, como se o tempo fosse passar e tudo fosse ser do jeito que eu quisesse tipo; que meu corpo fosse ficar masculino como se eu fosse ter barba no decorrer do tempo. (J.P, 2018).

O desejo em torno de ter características do corpo masculino já estava presente nele, porém, ainda era algo que estava implícito na sua concepção de mundo, não chegava para ele como algo que ele teria que fazer para chegar a tais resultados, então o que lhe restava

naquele momento era ficar no campo da imaginação. Porém, como traz Figueiredo (2006) ao se deparar diariamente com a inadequação do seu corpo, seja em frente ao espelho ou em suas relações afetivas, a pessoa trans tende a construir, enquanto sujeito, um aliciamento do seu corpo, estabelecendo um modelamento, vivenciando a experiência da corporificação.

Daí foi que foram tendo impulsos, questionamentos até chegar a hora que eu fui parando pra pensar, parando pra pensar que eu fui tipo realmente eu me identificava como homem trans. (J.P, 2018).

Entre anseios, medos e dúvidas, chega um momento que não tem como fugir deste autoconceito de si mesmo, é necessário que se caia as mascaras e dê lugar a esta nova percepção de si. É o que acontece neste momento com J.P quando ele fala: “Realmente eu me identificava como homem trans”(SIC). Entretanto, o fato de se questionar a identidade e recolhe-la como própria, dar ao entrevistado a oportunidade de vivenciar o “Eu real”, não o que lhe foi idealizado perante o outro, mas sim, perante a si mesmo.

## 5.5 RECONHECIMENTOS E BEM-ESTAR PROVOCADO PELO AJUSTAMENTO IDENTITÁRIO.

Nesta categoria, pretende-se elencar o reconhecimento próprio de sua identificação e do bem-estar provocado por esse ajustamento do corpo à mente. Figueiredo (2006) convoca a pensar sobre esta categoria no viés da naturalização que gira em torno do sofrimento provocado no processo de adequação do corpo ao gênero, por mais invasivo que seja, por mais enfrentamentos desagradáveis que seja necessário passar, o fato de se ver e se reconhecer, dar ao sujeito um sentimento de pertencimento e, conseqüentemente, bem-estar diante da pessoa que ali se apresenta.

Diante desta afirmação que o autor relata, em um momento da entrevista, o J.P traz que foi questionado pela médica, que realiza a hormonização nele, como estava o seu humor, que a utilização dos hormônios era muito agressiva neste sentido, causava um aumento exorbitante no nível de estresse, e como bem ressalta o autor, ele traz na sua fala uma naturalização em justificar de forma positiva as contra indicações provocadas pelo processo de transição.

Só que hoje eu estou muito mais confortável com a vida em si, entendeu? Tipo eu me estresso coisa momentânea só que tipo eu tô muito confortável como se tipo eu passasse a vida toda com aquilo me incomodando e de repente Como se eu tivesse libertado um peso das minhas costas e agora estou super de boas com a vida e

vivendo bem leve mesmo, como se aquilo que me incomodasse agora estou vivendo bem, Entendeu? (J.P, 2018).

E, é tipo a partir desse momento que eu me assumi minha identidade nenhum momento tipo; que cheguei a me questionar se era isso mesmo, tipo coisa que cada dia que passo eu tenho mais a certeza e que isso me deixa melhor e mais confortável, entendeu? Mesmo com alguns sintomas desagradáveis dos hormônios, eu tô tão confortável que chego a nem sentir. (J.P, 2018)

Diante do relato, fica evidente na fala de J.P, que acordar corpo, mente e por consequentemente estruturas sociais, o torna uma pessoa que estar bem e feliz com o que ele é, aparecer e se corporificar com características masculinas lhe faz enfrentar as dificuldades com mais leveza, que o preço que se pagar por tais mudanças se torna insignificante diante do desejo de ser quem realmente é.

## **6. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Em virtude do que foi mencionado, pode-se compreender e conceituar gênero e sexualidade, e defini-los de formas separadas, porém, discuti-los com certo alinhamento, e compreendendo que a definição do gênero independe do órgão genital de origem, que tem haver com uma identificação social e cultural do sujeito, bem como que sexualidade estar ligada a desejo, prazer e afetividade e independe da identificação do gênero, seja ele masculino ou feminino, chega-se a seguinte definição; que não é possível classificar e padronizar o homem a uma configuração de gênero e sexualidade, tal como defende os padrões heteronormativo. Que para cada forma de ser e de sentir é necessário uma compreensão subjetiva e individual de cada ser.

Levando em consideração esses aspectos, foi realizado um levantamento do contexto histórico e da conceituação dos heterossexuais, que hoje se encontra no CID e no DSM-5, porém não mais classificado como doença e sim uma disforia do gênero, o qual merece uma atenção específica, pois por mais que já tenha ocorrido um grande avanço, ainda há muito que ser desconstruído no que remete às classificações de transexuais. Ou seja, é necessário que seja compreendido que esta classificação nosológica estar presente no âmbito social, e que o órgão genital do individuo não classifica o gênero o qual ele irá se identificar.

Tais conceituações possibilitou compreender através do estudo de caso, como é para o individuo essa experiência de ser uma pessoa trans, bem como os sofrimentos que estão envolvidos em todo esse processo, mas também possibilitou perceber que quando o individuo

consegue ajustar sua identidade, ela garante a si mesmo um bem-estar e conformidade com a vida.

Dentro deste viés, compreende-se que a experiência transexual de J.P inicia por um processo de confusão, medos e dúvida, todo esse processo está alinhado a falta de compreensão social, o medo de não ser aceito e ter que enfrentar o preconceito e exclusão. É possível perceber uma auto manipulação, como meio de mecanismos de defesa, porém, não exclui o sofrimento, e então chaga-se a um momento que se faz necessário enfrentar e ser quem realmente é. E quando se chega a esse ponto, percebe-se que as dificuldades sempre estarão ali, porém, estar na condição desejada, lhe oferece meios de enfrentar e dar vida a essa identidade que é reconhecida pelo próprio sujeito. O que fica claro diante deste caso, é que o sofrimento gira-se em torno não da experiência de ser trans, mas sim da experiência de não conseguir se auto conceituar, seja pelo meio social, que padroniza e classifica os gêneros e a sexualidade, ou por saber que ser trans não é apenas existir. Desta forma é que se finaliza essa pesquisa com uma frase dita pelo entrevistado; “Nascer trans não é apenas viver, é existir e resistir” (SIC).

## REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo Sexo**, V.I, II. Tradução Sérgio Mulliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BENTO, B. Luta globalizada pelo fim do diagnóstico de gênero? In: SANTOS, L.H.S.; 2011

BENTO, Berenice, **A reinvenção do corpo**: sexualidade e gênero na experiência transexual- Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

BENTO, Berenice; PELUCIO, Larissa **Despatologização do gênero**: a politização das identidade abjetas. Florianópolis: Rev. Estud. Fem. 2012

BUTLER, J. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. 7. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

BUTLER, Judith. **Relatar a si mesmo**. Crítica da violência ética. Tradução de Regina Bettoni. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

DIAS, A. F. Corpo, gênero e sexualidade: problematizando estereótipos. **Retratos da Escola**, Brasília, v. 9, n. 16, p. 73-90, 2015. Disponível em: < file:///C:/Users/Win7/Downloads/485-1605-1-PB.pdf >. Acesso em: 21 nov. 2018.

DIEHL, A; VIEIRA, D.L **Sexualidade**: Do prazer ao sofrer. São Paulo, 2013

FERRARI, Geala Geslaine, CAPELARI, Rogério Sato (2014) **A despatologização do transtorno de identidade de gênero: uma crítica a patologização e o enaltecimento ao direito a identidade sexual dos indivíduos trans.** (Artigo apresentado no XI Seminário Internacional de Demandas Sociais e Políticas Públicas na Sociedade Contemporânea) 2014. Disponível em:

<<https://online.unisc.br/acadnet/anais/index.php/sidssp/article/viewFile/11719/1579,%20pp.%201-18%20%5B25>>. Acesso em: 23 nov. 2018.

HOLANDO, A. Questões sobre pesquisa qualitativa e pesquisa fenomenológica. **Aná. Psicológica**, Lisboa, v. 24, n.3, 2006. Disponível em:

<[http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0870-82312006000300010](http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0870-82312006000300010)>. Acesso em: 23 nov. 2018.

JESUS, J. G. **Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos.** Brasília, 2012. Disponível em:

<[https://www.sertao.ufg.br/up/16/o/ORIENTA%C3%87%C3%95ES\\_POPULA%C3%87%C3%83O\\_TRANS.pdf?1334065989](https://www.sertao.ufg.br/up/16/o/ORIENTA%C3%87%C3%95ES_POPULA%C3%87%C3%83O_TRANS.pdf?1334065989)>. Acesso em: 27 out. 2018.

FIGUEIREDO, A. Você já ouviu falar na dor da beleza? Experiências, corpo e afetividades na identidade transgênero. (Artigo) UFPE, **DOCPLAYER**, 2006. Disponível em:

<<https://docplayer.com.br/18320202-Voce-ja-ouviu-falar-na-dor-da-beleza-experiencias-corpo-e-afetividades-na-identidade-transgenero.html>>. Acesso em: 17 nov. 2018.

LANZ, Leticia. **O corpo da roupa: A pessoa transgênero entre a transgressão e a conformidade com as normas de gênero.** Uma introdução. 2º ed. Curitiba: Transgente, 2015

LOURO, G. L. Gênero, sexualidade e educação: das afinidades políticas às tensões teórico-metodológicas. **Educação em Revista**. Belo Horizonte, n. 46, p. 201-218, 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/edur/n46/a08n46>>. Acesso em: 18 nov. 2018.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção.** 3 ed., Rio de Janeiro: Martins Fontes, 2006.

MOREIRA, D. A. **O método fenomenológico na pesquisa.** São Paulo: Pioneira-Thompson, 2004.

SILVA, A. C. F. et al. Transgeneridade: uma análise da representação da identidade do eu e do estigma nas produções audiovisuais recentes. **Revista Ártemis**, v. 14, n. 1, pp. 132-142, 2017. Disponível em: <file:///C:/Users/Win7/Downloads/35410-89292-1-PB.pdf>. Acesso em: 23 out. 2018.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**. v. 20, n. 2, p. 123-151, 1995. Disponível em:

<[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/185058/mod\\_resource/content/2/G%C3%AAnero-Joan%20Scott.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/185058/mod_resource/content/2/G%C3%AAnero-Joan%20Scott.pdf)>. Acesso em: 23 out. 2018.

SALIN, Sara. **Judith Butler e a Teoria do Queer.** 1. ed. Minas Gerais: Autêntica, 2015.